



Ensino e Aprendizagem como Unidade Dialética

Kelly Cristina Campones
(Organizadora)

Kelly Cristina Campones
(Organizadora)

Ensino e Aprendizagem como Unidade Dialética

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E59	Ensino e aprendizagem como unidade dialética [recurso eletrônico] / Organizadora Kelly Cristina Campones. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Ensino e Aprendizagem como Unidade Dialética; v. 1) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-481-8 DOI 10.22533/at.ed.818191507 1. Aprendizagem. 2. Educação – Pesquisa – Brasil. I. Campones, Kelly Cristina. CDD 371.102
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O e-book intitulado como: “Ensino e Aprendizagem como Unidade Dialética”, apresenta três volumes de publicação da Atena Editora, resultante do trabalho de pesquisa de diversos autores que, “inquietaos” nos seus mais diversos contextos, consideraram em suas pesquisas as circunstâncias que tornaram viável a objetivação e as especificidades das ações educacionais e suas inúmeras interfaces.

Enquanto unidade dialética vale salientar, a busca pela superação do sistema educacional por meio das pesquisas descritas, as quais em sua maioria concebem a importância que toda atividade material humana é resultante da transformação do mundo material e social. Neste sentido, para melhor compreensão optou-se pela divisão dos volumes de acordo com assunto mais aderentes entre si, apresentando em seu volume I, em seus 42 capítulos, diferentes perspectivas e problematização acerca do currículo, das práticas pedagógicas e a formação de professores em diferentes contextos, corroborando com diversos pesquisadores da área da educação e, sobretudo com políticas públicas que sejam capazes de suscitar discussões pertinentes acerca destas preposições.

Ainda, neste contexto, o segundo volume do e-book reuniu 29 artigos que, constituiu-se pela similaridade da temática pesquisa nos assuntos relacionados à: avaliação, diferentes perspectivas no processo de ensino e aprendizagem e as Tecnologias Educacionais. Pautadas em investigações acadêmicas que, por certo, oportunizará aos leitores um repensar e/ou uma amplitude acerca das problemáticas estudadas.

No terceiro volume, categorizou-se em 25 artigos pautados na: Arte, no relato de experiências e no estágio supervisionado, na perspectiva dialética, com novas problematizações e rupturas paradigmáticas resultante da heterogeneidade do perfil acadêmico e profissional dos autores advindas das temáticas diversas.

Aos autores dos diversos capítulos, cumprimentamos pela dedicação e esforço sem limites. Cada qual no seu contexto e pautados em diferentes prospecções viabilizaram e oportunizaram nesta obra, a possibilidade de ampliar os nossos conhecimentos e os diversos processos pedagógicos (algumas ainda em transição), além de analisar e refletir sobre inúmeras discussões acadêmicas conhecendo diversos relatos de experiências, os quais, pela soma de esforços, devem reverberar no interior das organizações educacionais e no exercício da constante necessidade de pensar o processo de ensino e aprendizagem como unidade dialética.

Cordiais saudações e meus sinceros agradecimentos.

Kelly Cristina Campones

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
“HANSEI”: UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA JAPONESA E SUAS POSSÍVEIS APLICAÇÕES NAS ESCOLAS BRASILEIRAS	
<i>Ana Luísa da Costa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8181915071	
CAPÍTULO 2	8
A BUSCA POR RECONHECIMENTO COMO MOTIVAÇÃO PARA DESENVOLVIMENTO DO CURRÍCULO	
<i>Mauro Sérgio da Silva</i>	
<i>Flávia Dias Coelho da Silva</i>	
<i>Izabella Gonçalves Bocayuva</i>	
<i>Lucas Evangelista Rangel</i>	
<i>Lucas Miranda</i>	
<i>Marcelo Visintini</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8181915072	
CAPÍTULO 3	20
A DOCÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR NO CONTEXTO NEOLIBERAL: CONTRIBUIÇÕES DA DIDÁTICA DE PERSPECTIVA CONTRA-HEGEMÔNICA	
<i>Lenilda Rêgo Albuquerque de Faria</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8181915073	
CAPÍTULO 4	32
A FORMAÇÃO DOCENTE E A EDUCAÇÃO A PESSOAS COM NECESSIDADES ESPECÍFICAS NO IF SERTÃO-PE <i>CAMPUS</i> SALGUEIRO	
<i>Gercivania Gomes da Silva</i>	
<i>Carlos Wendel Gomes da Silva</i>	
<i>Sandra Regina da Silva Galvão</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8181915074	
CAPÍTULO 5	38
A FORMAÇÃO DOCENTE: CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL E DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS	
<i>Katia Fraitag</i>	
<i>Miguel Julio Zadoreski Junior</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8181915075	
CAPÍTULO 6	43
A FORMAÇÃO DOS PEDAGOGOS PARA O ENSINO DE MATEMÁTICA NO MÉTODO DO IAB NO MUNICÍPIO DE BOA VISTA-RR	
<i>Kátia Maria Abreu da Silva</i>	
<i>Janaene Leandro de Sousa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8181915076	

CAPÍTULO 7	50
A FORMULAÇÃO DE TAREFAS PARA PROMOVER O DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DO PROFESSOR QUE ENSINA MATEMÁTICA	
<i>Cristina Meyer</i>	
<i>Mariana Maria Rodrigues Aiub</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8181915077	
CAPÍTULO 8	61
A PRÁTICA COMO COMPONENTE CURRICULAR E A POSSIBILIDADE DE CONSTRUÇÃO DOS SABERES DOCENTES	
<i>Francisca de Lourdes dos Santos Leal</i>	
<i>Vilmar Aires dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8181915078	
CAPÍTULO 9	73
REFLEXOS DA REFORMA EDUCACIONAL DOS ANOS 1990 NA PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ESTADO DO ACRE	
<i>Hildo Cezar Freire Montysuma</i>	
<i>Rosalu Ribeiro Barra Feital Nogueira</i>	
<i>Emilly Ganum Areal</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8181915079	
CAPÍTULO 10	107
ALGUMAS DISCUSSÕES SOBRE A FORMAÇÃO DOCENTE EM MATEMÁTICA E A HISTÓRIA DA DIDÁTICA NAS LICENCIATURAS EM MATEMÁTICA DA BAHIA (1940-1960)	
<i>Januária Araújo Bertani</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150710	
CAPÍTULO 11	118
APONTAMENTOS SOBRE A ATIVIDADE DE MONITORIA DA DISCIPLINA DE QUÍMICA GERAL PARA ALUNOS DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS	
<i>Luciana Silva Rocha Contim</i>	
<i>Luis Antônio Serrão Contim</i>	
<i>João Pedro Carmo Filgueiras</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150711	
CAPÍTULO 12	123
APRENDIZADO, MOTIVAÇÃO E DIVERSÃO: JOGOS COMO ESTRATÉGIA PARA O ENSINO DE BIOLOGIA CELULAR	
<i>Laís Corrêa Lima</i>	
<i>Agatha Santos de Jesus</i>	
<i>Angélica Ferreira Carreiro</i>	
<i>Ingrid da Silva Rola</i>	
<i>Karolainy Teixeira da Conceição</i>	
<i>Maik da Silva de Souza</i>	
<i>Rafaela Nunes Santos</i>	
<i>Yasmim de Oliveira Paula</i>	
<i>Yhasmim Hellen Viana Scandian</i>	
<i>Marina Sousa Manoel Damasceno</i>	
<i>Karina Mancini</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150712	

CAPÍTULO 13	135
AS DCN E A FORMAÇÃO DOCENTE: UMA ANÁLISE DA LEGISLAÇÃO E OS DESAFIOS NA IMPLEMENTAÇÃO DOS CURRÍCULOS DOS CURSOS DE LICENCIATURA DA UFPI	
<i>Mirtes Gonçalves Honório</i> <i>Teresa Christina Torres Silva Honório</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150713	
CAPÍTULO 14	146
AS IMPLICAÇÕES DAS DCN NA ESTRUTURAÇÃO DOS CURRÍCULOS DOS CURSOS DE LICENCIATURA NA UFPI	
<i>Josania Lima Portela Carvalhêdo</i> <i>Maria do Socorro Leal Lopes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150714	
CAPÍTULO 15	158
CARTOGRAFIAS LITERÁRIAS E PRÁTICAS DE LEITURA NA ESCOLA BÁSICA	
<i>Fabíola de Fátima Igreja</i> <i>Gilma Gimarães Lisboa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150715	
CAPÍTULO 16	171
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO: PERSPECTIVAS PARA O TRABALHO COM TEXTOS OPINATIVOS	
<i>Rodrigo Leite da Silva</i> <i>Fabiana Meireles de Oliveira</i> <i>João Paulo Buranelli Mantoan</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150716	
CAPÍTULO 17	180
EXPECTATIVAS PROFISSIONAIS E CONCEPÇÕES DE PEDAGOGIA NA FORMAÇÃO INICIAL DE PEDAGOGOS: O QUE DIZEM OS ESTUDANTES DO CSHNB/UFPI?	
<i>Luciana Silva Dias</i> <i>José Leonardo Rolim de Lima Severo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150717	
CAPÍTULO 18	186
ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA FAVORÁVEL À FORMAÇÃO INTERDISCIPLINAR: UM ESTUDO DE CASO	
<i>Emmanuel Paiva de Andrade</i> <i>Jasmin Lemke</i> <i>Neide Lucia de Oliveira Almeida</i> <i>Maria Augusta de Castro Seixas</i> <i>Elisabeth Flavia Roberta Oliveira da Motta</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150718	

CAPÍTULO 19	198
FILOSOFIA UBUNTU COMO PRÁTICA POLÍTICO-PEDAGÓGICA DE CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE NEGRA E CONSCIÊNCIA AFRO-DIASPÓRICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
<i>Isis Natureza Oliveira da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150719	
CAPÍTULO 20	203
FORMAÇÃO DE PROFESSORES: A PESQUISA-AÇÃO COMO ESTRATÉGIA DIDÁTICO-METODOLÓGICA DE INVESTIGAÇÃO	
<i>José Álbio Moreira de Sales</i>	
<i>Tânia Maria de Sousa França</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150720	
CAPÍTULO 21	215
FORMAÇÃO E A DOCÊNCIA À LUZ DA TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	
<i>Elda Silva do Nascimento Melo</i>	
<i>Antonia Maira Emelly Cabral da Silva Vieira</i>	
<i>Camila Rodrigues dos Santos</i>	
<i>Erivania Melo de Moraes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150721	
CAPÍTULO 22	234
FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES QUE ENSINAM MATEMÁTICA: ALGUMAS REFLEXÕES	
<i>Cíntia Fogliatto Kronbauer</i>	
<i>Anemari Roesler Luersen Vieira Lopes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150722	
CAPÍTULO 23	245
MERLÍ E OS SABERES DA DOCÊNCIA	
<i>Vera Maria Luz Spínola</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150723	
CAPÍTULO 24	256
MOTIVAÇÃO DE ESCOLARES PORTUGUESES DO TERCEIRO CICLO DO ENSINO BÁSICO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA	
<i>Fábio Brum</i>	
<i>Ellen Aniszewski</i>	
<i>José Henrique dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150724	
CAPÍTULO 25	267
NÚCLEOS DE PESQUISA NA ESCOLA: POSSIBILIDADES DE MUDANÇAS DIDÁTICAS E PRÁTICAS DE ENSINO DOS PROFESSORES*	
<i>Jaqueline Ritter</i>	
<i>Andreia Rosa de Avila de Vasconcelos</i>	
<i>Andréa Borges Umpierre</i>	
<i>Francieli Chibiaque</i>	
<i>Otavio Aloisio Maldaner</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150725	

CAPÍTULO 26	285
O APRENDER-ENSINAR DA LEITURA: TRAVESSIAS POR VIR	
<i>Gilcilene Dias da Costa</i>	
<i>Jessé Pinto Campos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150726	
CAPÍTULO 27	297
O ENSINO POR INVESTIGAÇÃO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS: UMA REVISÃO A PARTIR DOS ANAIS DO ENPEC	
<i>Jéssica Cremonini Caprini</i>	
<i>Mariana Donateli Gatti</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150727	
CAPÍTULO 28	302
O INÍCIO DA DIDÁTICA NO CURSO DE MATEMÁTICA NA BAHIA (1940-1960)	
<i>Januária Araújo Bertani</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150728	
CAPÍTULO 29	313
O SABER DOCENTE E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES PEDAGOGOS PARA O ENSINO DA MATEMÁTICA	
<i>Lílian Pereira Guedes</i>	
<i>Jorge Costa do Nascimento</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150729	
CAPÍTULO 30	321
OS ARTÍFICES DA FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA: O CONHECIMENTO TEÓRICO/PRÁTICO DESENVOLVIDO NO CURSO DE PEDAGOGIA/PARFOR	
<i>Lui Nörnberg</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150730	
CAPÍTULO 31	332
OS IMPACTOS DAS NOVAS POLÍTICAS CURRICULARES NA DIDÁTICA E PROFISSIONALIDADE DE PROFESSORAS INICIANTES	
<i>Joelson de Sousa Moraes</i>	
<i>Franç-Lane Sousa Carvalho do Nascimento</i>	
<i>Nadja Regina Sousa Magalhães</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150731	
CAPÍTULO 32	344
OS SABERES DA EXPERIÊNCIA COMO PRINCÍPIO DA PRÁTICA DOCENTE	
<i>Lourdes Cavalcante Couto de Melo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150732	
CAPÍTULO 33	350
PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES DA FORMAÇÃO INICIAL ÀS SUAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS	
<i>Claudia Martins de Souza</i>	
<i>Rosângela Gasparim</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150733	

CAPÍTULO 34	356
PLANEJAMENTO COLETIVO: UMA EXPERIÊNCIA FORMATIVA NA DISCIPLINA DE DIDÁTICA	
<i>Tânia Maria de Sousa França</i>	
<i>Nancy Mireya Sierra Ramirez</i>	
<i>Joilson Silva de Sousa</i>	
<i>Ana Cristina de Souza Lima</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150734	
CAPÍTULO 35	367
POLÍTICAS, ENSINO DAS CIÊNCIAS E INICIAÇÃO CIENTÍFICA NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES: CONTEXTOS, DIÁLOGOS E REFLEXÕES	
<i>Simone Souza Silva</i>	
<i>Arminda Rachel Botelho Mourão</i>	
<i>Francisca Keila de Freitas Amoedo</i>	
<i>Mateus de Souza Coelho Filho</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150735	
CAPÍTULO 36	369
PRÁTICA PEDAGÓGICA: CONCEPÇÃO DE PROFESSORES DE UMA INSTITUIÇÃO EDUCATIVA DA COLÔMBIA –CO	
<i>Rosenilda Rocha Bueno</i>	
<i>Adelmo Carvalho da Silva</i>	
<i>Oscar Orlando Hoyos Gaviria</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150736	
CAPÍTULO 37	380
PRÁTICA PEDAGÓGICA: EDUCANDO DE FORMA LUDICA POR MEIO DE ALIMENTOS NA COMUNIDADE QUILOMBOLA	
<i>Cristiano de Assis Silva</i>	
<i>Carlos Luis Pereira</i>	
<i>Ângela Maria dos Santos Florentino</i>	
<i>Cristiane de Assis Ribeiro da Silva</i>	
<i>Kristielly Pereira de Assis Ribeiro da Silva</i>	
<i>Dirlan de Oliveira Machado Bravo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150737	
CAPÍTULO 38	389
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS BEM SUCEDIDAS NO ENSINO MÉDIO	
<i>Silvana Soares de Araujo Mesquita</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150738	
CAPÍTULO 39	399
PROFESSORES DE DIDÁTICA E SEUS ESTUDANTES: OS ARTÍFICES DA FORMAÇÃO	
<i>Maria Janine Dalpiaz Reschke</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150739	

CAPÍTULO 40	410
QUANDO A PRÁTICA SE TORNA COMPONENTE CURRICULAR DOS PPPS DE LETRAS	
<i>Núbio Delanne Ferraz Mafra</i>	
<i>Vladimir Moreira</i>	
<i>Marcelo Cristiano Acri</i>	
<i>Beatriz do Prado Ferreira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150740	
CAPÍTULO 41	417
SABERES EM INTERAÇÃO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: A UNIVERSIDADE EM CONEXÃO COM JOVENS DO ENSINO MÉDIO	
<i>Rosilda Arruda Ferreira</i>	
<i>Luiza Olívia Lacerda Ramos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150741	
CAPÍTULO 42	427
TESSITURAS PEDAGÓGICAS PARA A EDUCAÇÃO BILINGUE: CAMINHOS PARA A ACESSIBILIDADE DOS SURDOS	
<i>Eliana da Silva Neiva Brito</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150742	
SOBRE A ORGANIZADORA	436

EDUCAÇÃO E CURRÍCULO: PERSPECTIVAS PARA O TRABALHO COM TEXTOS OPINATIVOS

Rodrigo Leite da Silva

Doutor em Língua Portuguesa pela PUC-SP e professor e coordenador da Faculdade Campos Elíseos de São Paulo.

Fabiana Meireles de Oliveira

Doutoranda em Língua Portuguesa pela USP-SP e professora da Faculdade Campos Elíseos de São Paulo.

João Paulo Buranelli Mantoan

Mestrando em Educação e Currículo pela PUC-SP.

RESUMO: Este artigo tem por propósito discutir uma reflexão sobre educação e currículo, com enfoque no trabalho com textos opinativos, em que vislumbra identificar as marcas de manipulação oriundas dos conhecimentos que dele emergem, de modo a trazer para compor o currículo escolar, discussões que promovam a detecção das opiniões, em diversificados textos/contextos e contribuem para construção de um currículo que possibilite autonomia discente.

PALAVRAS-CHAVE: currículo; cultura; crônica

ABSTRACT: The purpose of this article is to discuss a reflection on education and curriculum, focusing on the work with opinion texts, in which it seeks to identify the marks of manipulation derived from the knowledge that emerges from

it, in order to bring to the school curriculum, discussions that promote the opinions in a variety of texts / contexts and contribute to the construction of a curriculum that allows student autonomy.

KEYWORDS: curriculum; culture; chronic

1 | INTRODUÇÃO

O currículo é visto como um artefato cultural, em que nada é fixo, assim, leva-se em consideração a sua dinamicidade e, por conseguinte seu processo de construção, a partir do fluxo proposto pelas transformações sociais e culturais, resultantes da evolução e adequação dos métodos de sua aplicação em consonância com as necessidades sociais emergentes.

Nesse sentido, há a necessidade de reconhecer que o currículo tem uma visão incorporada a um artefato cultural e social, na qual deve-se levar em conta a história vivida no passado para poder prover mudanças no presente, vendo o currículo como método adotado para transmissão de valores, conhecimentos e habilidades.

Diante desse contexto, constata-se que o currículo é proveniente de métodos em que fatores epistemológicos, intelectuais e lógicos

caminhem lado a lado, considerando-o como um conjunto de saberes socialmente relevantes (GODSON, 1995).

Para que seja possível partilhar dessa perspectiva, faz-se necessário identificar que a construção do currículo decorre da mescla de conhecimentos científicos, populares e sociais e que essa conexão expressa quem são os determinantes sociais caracterizadores das coletividades contemporâneas. Dessa maneira, questões como: violência, sexo, drogas, meio ambiente, são vistas no currículo como um processo complexo, em que se espelha cenários opinativos que podem direcionar interpretações das circunstâncias supracitadas.

Ao observar o cenário de construção opinativa vale destacar que diferentes gêneros textuais colaboram para a expressão e controle das opiniões, em conformidade aos interesses de quem os produz, desse modo, a presente pesquisa delimitou sua análise voltada ao trabalho com gêneros textuais opinativos focalizada em crônicas do cotidiano.

Assim, se definem como uma narração curta em escrita pelo mesmo autor e sua publicação ocorre numa seção habitual dos periódicos jornalísticos, responsável pela explicitação de fatos que organizam o cotidiano de uma coletividade.

Com base na estruturação das categorias que organizam o gênero textual crônica do cotidiano constata-se que as opiniões nele contidas, construídas pelo cronista, contribuem para controlar a formação da opinião de seus leitores, pois, o Marco de Cognições Sociais, base das representações mentais, e ponto de partida deste texto, é usado como argumento nas afirmações nele apresentadas.

Desse modo, o currículo deve ser elaborado para causar efeitos sobre as pessoas, pois diferentes modelos de currículo produzem diferentes pessoas. Logo, temos que levar em consideração, que um currículo precisa ser criado sem diferenças sociais, gêneros, raça, afim de produzir identidades determinadas e inclusivas, socialmente (GODSON, 1995).

Assim, uma história do currículo tem que ser construída, principalmente, com base num conhecimento social e político em que sejam possíveis detectar as construções opinativas, logo trazer para compor o currículo escolar discussões que promovam a detecção das opiniões, em diversificados textos, contribuem para construção de um currículo que possibilite autonomia discente.

Dentro do ambiente educacional, currículo é a palavra-chave para desmistificar o contexto social, cultural e político e possibilitar a apresentação de possibilidades de análise de formas de manipulação, oriundas de textos opinativos como a crônica do cotidiano, por exemplo. Existem diversos conflitos ao redor da definição de currículo que envolve as pretensões e objetivos escolares.

Em síntese, devemos acreditar que o currículo escrito, nos dá material documental, um mapa do campo sujeito as transformações para melhor organizar a estrutura da escolarização (GODSON, 1995). Logo, o currículo, deve ser composto de variadas áreas e níveis, fundamentando assim, diferenças entre o currículo escrito

e o currículo prático.

Dessa maneira, deve existir relação entre a teoria e a prática ou entre o currículo escrito e o currículo ativo (prático), dependendo da natureza da construção já existentes, para poder partir para a realização interativa da sala de aula.

Assim, é de suma importância questionar a forma de como que o currículo será trabalhado, para poder criar entendimentos e *insights* para melhor lidar com a direção da escola e da sala de aula, podendo desta forma buscar uma ideologia para um ensino cada vez mais eficiente e baseado nas vivências docentes e discentes.

Portanto, ao observar o modo como se dá a organização textual da opinião de crônicas do cotidiano, demonstra possibilidades das características sociais, culturais e modos de manipulação adotados por uma coletividade, possibilitando ao educando a construção crítica das inferências que pode produzir a partir dos cenários descritos.

2 | CARACTERIZAÇÃO DA CRÔNICA DO COTIDIANO

O surgimento da crônica data, aproximadamente, do século XIII, no continente europeu, mais especificamente, na França, tendo como base a historiografia e com o objetivo de registrar as narrativas pessoais, do tipo memorialista. Na Península Ibérica, a crônica adquire a função de organizar os documentos históricos, em ordem cronológica. Mais tarde, com Fernão Lopes, ocorre uma modificação, pois, nela passa-se a inserir suas opiniões pessoais e a relatar o cotidiano do povo português (o trabalho, os comícios, os movimentos populares etc.).

No Brasil, a crônica adquire tipicidade e se torna uma forma representativa da cultura brasileira; inicialmente, surge com a criação da imprensa nacional, no século XIX, se localizando em um espaço livre do jornal, denominado folhetim, com o objetivo de promover a diversão do leitor. O folhetim classificava-se, em dois tipos:

Folhetim-Romance – textos românticos nacionais e internacionais, publicados em capítulos;

Folhetim-Variedades – textos que tratavam de uma variedade de matérias, registrando e comentando a vida cotidiana da Província, do País e do mundo, em tom superficial, e uma escrita de uso cotidiano de língua, como forma de não aborrecer o leitor.

Atualmente, a crônica brasileira, como é conhecida, tem suas origens no Folhetim Variedades.

Mais tarde, o cronista, objetivando divertir o leitor, por meio de uma livre criação que apresentasse a sua opinião sobre um fato cronológico, ultrapassa fatos cotidianos e passa a tratar de qualquer tema. Os jornais passam a ter jornalistas especializados em temas determinados, que contribuem para a construção dos cadernos específicos, que compõem o jornal.

Na crônica, explica Fávero (2005, p. 78), há a opção pelo coloquialismo que

atrai o interlocutor, através de uma linguagem direcionada aos leitores apressados, do jornal:

“Fingindo-se descompromissado, o cronista (e, portanto, a crônica), está inserido num momento histórico, imprimindo em seu texto marcas de seu tempo, de sua sociedade, revelando sua ótica de ver e sentir o mundo; e ele historia não só esse momento como a própria língua, instrumento do qual se vale.”

Segundo a autora, talvez por isso a crônica seja considerada, por alguns críticos, como um gênero menor. “Porém, não é dessa forma que os cronistas se vêem”, observa, citando Vinícius de Moraes, para quem ‘Como um prosador do cotidiano, a coisa fica mais fina’, e Rubem Braga, que diz que o cronista de jornal ‘é como o cigano que toda noite arma sua tenda e pela manhã a desmancha, e vai’.

Ainda segundo Fávero (2005), analisar uma crônica é refletir, tanto sobre a materialidade da língua, como sobre a utilização dessa mesma língua pelo homem e pela sociedade: “(...) a observação de uma dada regularidade lingüística revela a maneira pela qual o sujeito, inserido numa sociedade, interpreta e expressa aquele momento histórico”.

Scafuro (1999), ao analisar a tipologia textual das crônicas jornalísticas paulistanas, concluiu que estas se categorizam em crônicas de notícias e de cotidiano; sendo que as crônicas de notícia se diferenciam das crônicas de cotidiano, em que a primeira é definida pelas categorias Inusitado / Atual, enquanto a segunda se define pelas categorias Usual /Frequência.

A crônica do cotidiano é organizada, hierarquicamente, pela categoria semântica Usual e pela categoria temporal Frequência.

O cotidiano define-se pelo que acontece, diariamente, implicando uma sequência de ações usuais, que se definem como acontecimentos diários. Nesse âmbito, no cotidiano, há o comum, o usual e o habitual.

As ações apresentadas pelos cronistas do cotidiano para seus leitores sucedem no eixo narrativo. Tais apresentações compõem o Marco de Cognições Sociais, visto que decorrem, a partir de uma seleção temática de uma representação cotidiana. De acordo com o conhecimento do cronista, em relação aos acontecimentos cotidianos, este possui um controle sobre tal conhecimento, ponto de partida para a seleção temática, na composição da crônica.

Portanto, o eixo orientador que organiza a seleção do cronista é a categoria semântica Usual, estando ela embricada com as categorias Esperado e Conhecido.

Sendo assim, Scafuro (1999, p.109), tomando por base os resultados obtidos de pesquisas sobre a organização textual de crônicas publicadas em jornal, afirma que:

Os resultados indicam que, as crônicas do cotidiano podem ser descritas pela mudança aspectiva, ou seja, qualquer fato atual é representado pela frequência no usual do cotidiano. Assim sendo, trata-se da inserção da categoria aspectiva Interativa, por se repetir, diariamente, em Atualidade, o que já era esperado.

Conforme as categorias semânticas apresentadas, a crônica do cotidiano revela hábitos cotidianos, que são avaliados pelo cronista do cotidiano, numa projeção, envolvendo uma escala de valores positivos e negativos, pois, tais hábitos se organizam enquanto conhecimentos factuais, localizados no Marco de Cognições Sociais.

Segundo Scafuro (1999, p. 139), em relação à tematização da crônica do cotidiano:

“Poder-se-ia dizer que é categorizada no tempo, na história, do tipo narrativo, remetendo-se, de certa forma, à atualidade do registro do cronista, em relação à sua produção escrita. Talvez, por essa razão, segundo alguns estudiosos da crônica, sua caracterização é o efêmero.”

3 | ANÁLISE DA CRÔNICA

A crônica selecionada para a análise intitula-se *Organizem-se*, de autoria de Luiz Fernando Veríssimo e os critérios adotados para sua análise encontram-se descritos abaixo:

3.1 Quanto à seleção temática

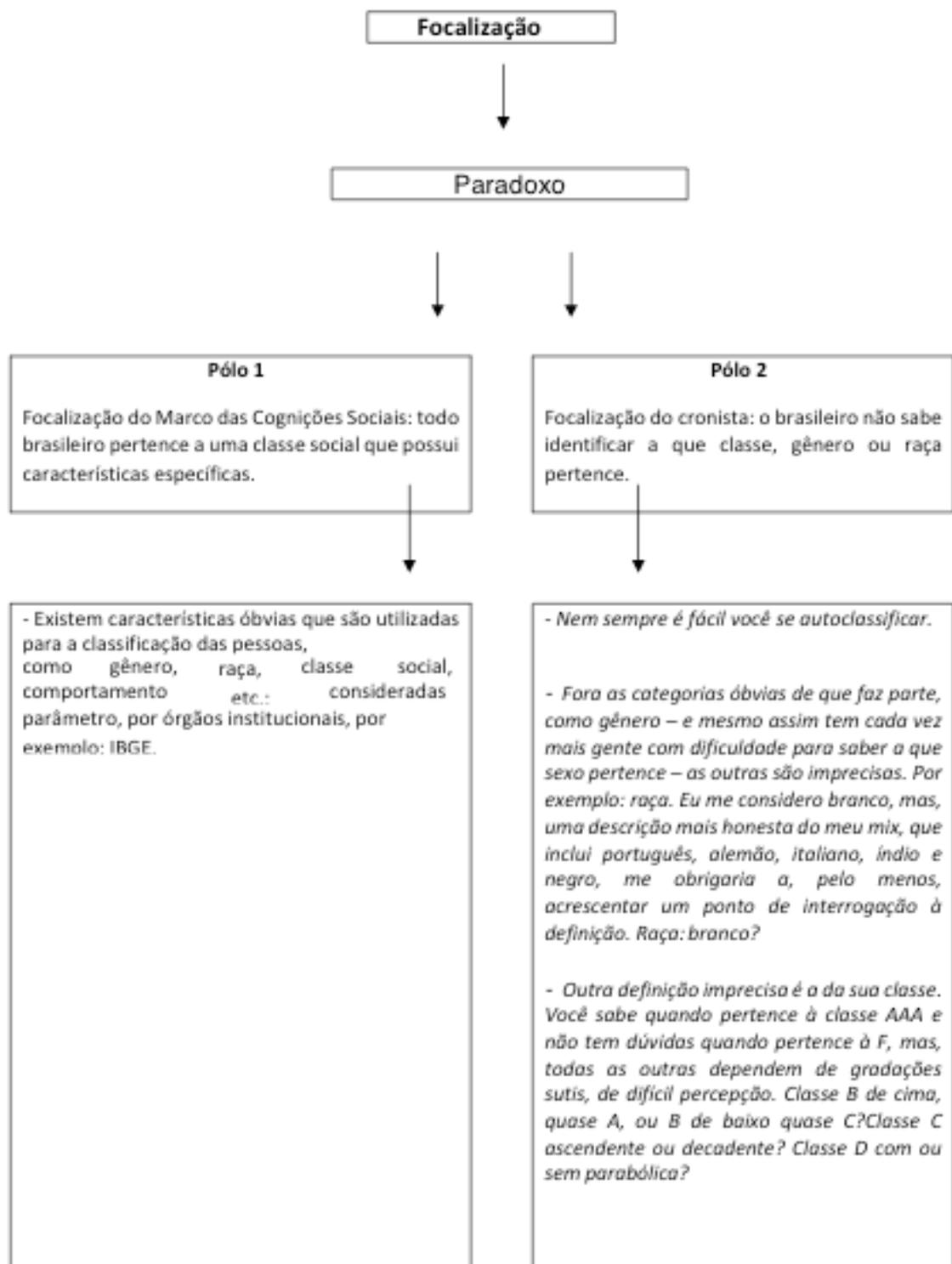
A seleção temática é feita, a partir de uma representação do cotidiano (Usual), que faz parte do marco das cognições sociais dos brasileiros, em relação ao seu conceito de organização social.

3.2 Quanto à focalização e sua estrutura textual

A crônica do cotidiano é organizada, textualmente, no que se refere à focalização, por uma polaridade, organizando uma estrutura textual que demonstra a focalização em um ângulo relacionado ao marco das cognições sociais e a focalização do cronista.

Nesta crônica, a seleção temática é realizada, a partir do conceito de organização social do brasileiro. A focalização do cronista é dada no momento em que enuncia que não sabemos identificar a que classe pertencemos. O paradoxo é construído pela sucessão de ações, que apresentam quando se afirma que nem sempre é fácil se autot classificar, pois, a partir dessa dificuldade, nos encontramos sem condições para nos organizarmos em um grupo e constituir uma formação ideológica que nos dê autoridade.

A polaridade das focalizações pode ser demonstrada, pela seguinte visualização:

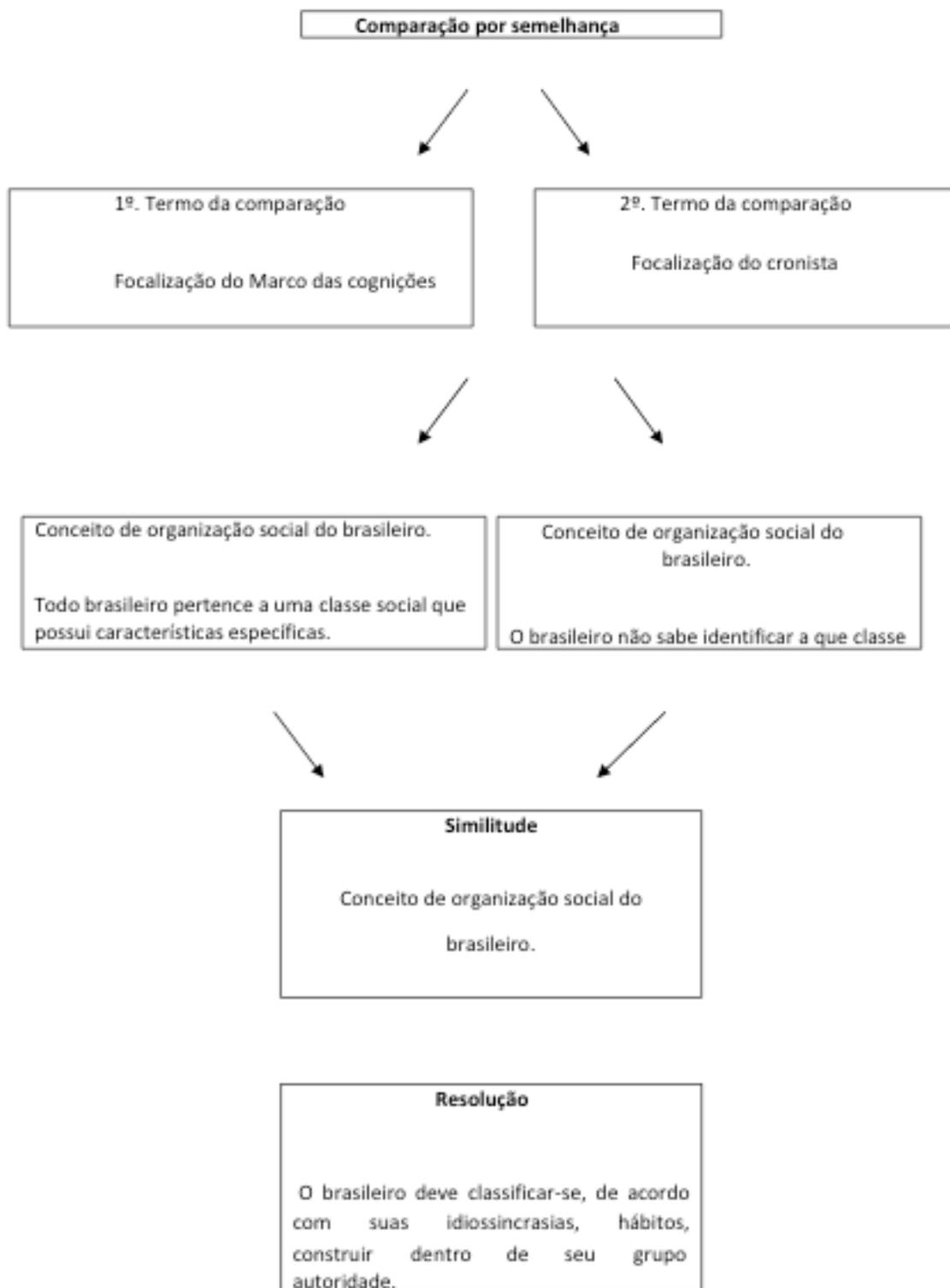


3.3 No que se refere à categoria Resolução da categoria Usual

A partir dos resultados obtidos pela análise acima, constatou-se que a organização textual da crônica do cotidiano é caracterizada por uma Resolução, que transforma a polaridade das focalizações, diferenciando-as em: pólo1, focalização dada pelo marco das cognições sociais e, no pólo 2, a focalização dada pelo cronista do cotidiano. Mesmo que tais focalizações se apresentem enquanto polares, ambas são hierarquizadas pela categoria Usual, caracterizando-se pela relação Esperado/ Inesperado, em que o esperado se caracteriza pelo conhecimento dos brasileiros, em relação à organização social. Contudo, o Inesperado se constrói pela circunstância de

que o brasileiro não sabe se identificar, em relação a nenhum critério, como classe, gênero ou raça.

A crônica do cotidiano tem como ponto de partida o marco de cognições sociais para chegar à construção, do ponto de vista do cronista, construindo textualmente uma comparação por semelhança, a partir da dissemelhança.



Estes resultados indicam que as estruturas textuais da comparação propiciam transformar as categorias Esperado/Inesperado, em Usual pela Categoria semântica Conhecido. Nesse sentido, as designações atribuídas ao brasileiro, por não saber

identificar-se, mesmo que os critérios estejam relacionados à classe social, gênero ou a que raça pertencem, são inesperadas tendo como ponto de partida a representação atribuída ao conceito de organização social do brasileiro, na medida em que o Esperado é a representação de que o brasileiro pertence a uma classe social, que possui características específicas.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crônica do cotidiano é organizada, tematicamente, a partir dos hábitos cotidianos, então o cronista ao construí-la, recorre ao marco das cognições sociais, a partir da categoria Conhecido, com o objetivo de apresentar uma escala valorativa, em que suas avaliações são positivas e negativas, em relação aos conhecimentos factuais apresentados.

No que se refere ao processo de focalização, há uma polaridade indicada pelo marco das cognições sociais X focalização do cronista, caracterizando um Paradoxo. Este é fruto de uma reflexão, em que toma-se consciência, a partir da verificação de crenças do marco das cognições sociais, apresentando uma outra possibilidade.

Em relação à estrutura textual da resolução da categoria Usual verificou-se que a crônica do cotidiano parte do marco das cognições sociais para chegar ao ponto de vista do cronista, sendo assim, notou-se a construção textual da semelhança, a partir da dissemelhança.

Portanto, a construção textual da opinião, nas crônicas do cotidiano é orientada pela focalização do cronista, tendo como ponto de partida a focalização do marco das cognições sociais, onde são projetadas hierarquicamente a partir da categoria Conhecido, avaliando as crenças que incorporam o cotidiano e apresentado novas crenças, estas sendo legitimadas pelos argumentos utilizados pelo cronista do cotidiano.

Portanto, o currículo deve ser elaborado para causar efeitos sobre as pessoas, a partir da proposição da construção da sua criticidade, por meio de análises textuais opinativas, na identificação dos traços socioculturais e das marcas de manipulação impressas em seu bojo. Assim sendo, é possível levar em consideração que um currículo precisa ser criado com a intenção de promover autonomia discente, no sentido de poder selecionar ações cotidianas que o habilitem a interagir nas possíveis transformações sociais.

REFERÊNCIAS

FÁVERO, Leonor Lopes. A crônica em Lima Barreto: dialogismo fala/escrita. In: *Diálogos na fala e na escrita*. Org. Dino Preti. São Paulo: Associação Editorial Humanitárias, 2005.

FIGUEIREDO, Rubens e CERVELLINI, Sílvia. *Contribuições para o conceito de opinião pública*. In:

Opinião Pública, vol. III, nº 3. Campinas, CESUP/UNICAMP, dez/ 1995. pp 97-127.

FORQUIN, J. C. *Escola e cultura: bases epistemológicas do conhecimento escolar*. Porto Alegre. Ed. Artes Médicas, 2006.

GOODSON, I. *Currículo: Teoria e cultura*. Petrópolis. Vozes. 1995.

SCAFURO, Gisele. *A Organização textual de crônicas publicadas em jornal*. Dissertação de Mestrado. PUC/São Paulo, 1999.

SOBRE A ORGANIZADORA

Kelly Cristina Campones - Mestre em Educação (2012) pela Universidade Estadual de Ponta Grossa , na linha de pesquisa História e Políticas Educacionais. É professora especialista em Gestão Escolar, pela Universidade Internacional de Curitiba (2005). Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2004) diplomada para Administração, Direção e Supervisão Escolar . Membro do GEPTADO- Grupo de Pesquisa sobre o trabalho docente na UEPG. Tem experiência como docente e coordenadora na: Educação Infantil, Ensino Fundamental, Médio, graduação e pós-graduação. Atualmente é professora adjunta na Faculdade Sagrada Família com disciplinas no curso de Licenciatura em Pedagogia. Tem ampla experiência na área educacional atuando nas seguintes vertentes: educação infantil, processo de ensino aprendizagem; gestão; desenvolvimento e acompanhamento de projetos ; tecnologias educacionais; entre outros.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-481-8

